



**Padre Daniel Nascimento** | Assistente Nacional

## «AMARÁS O ESTRANGEIRO, PORQUE FOSTE ESTRANGEIRO NA TERRA DO EGITO» (DT 10,19)

O Egito, país de cultura milenar, terra de pirâmides e faraós, acolheu este verão as conferências mundiais da CICE e da OMME (ou WOSM, em inglês). Quem teve a oportunidade de participar nestes eventos levará certamente para casa uma série de conteúdos novos e de contactos pessoais com irmãos escuteiros de todo o mundo. Mas gostaria de destacar um aspeto um pouco lateral: a hospitalidade dos egípcios. Foi óbvia a dedicação, o esforço e a simpatia dos escuteiros egípcios, que se empenharam a sério por receber gente de todo o mundo (já para não falar da boa disposição de alguns condutores de táxi e afins, com conceitos porventura diferentes dos nossos no que diz respeito a uma condução segura!). Ora, todo este acolhimento egípcio parece estabelecer um grande contraste com o testemunho das Escrituras, na medida em que o Egito é sobretudo a «casa da escravidão» (Ex 20,2), o lugar em que o povo de Israel viveu escravizado e humilhado, até ser finalmente libertado por Deus, por intermédio de Moisés. Através do Antigo Testamento, e também em parte do Novo, é a memória deste evento de libertação que configura, na celebração da Páscoa, a identidade de Israel como um povo resgatado por Deus, a caminho da Terra Prometida. Na tradição judaico-cristã, este Egito vai sendo «espiritualizado», até se tornar um símbolo de opressão, de um passado para onde não queremos mais voltar. De um ponto de vista metafórico, «Egito» é o mal de onde saímos e «Terra Prometida» é a meta dos nossos sonhos.

Mas há outros «Egitos» na Bíblia... Talvez o mais memorável seja o Egito como lugar de refúgio da Sagrada Família, devido à fúria assassina do Rei Herodes, que não quer um novo rei a desafiar o seu poder (cf. Mt 2,13-15). Ainda assim, destaco a frase que coloquei como título, tirada do livro do Deuteronomio: «Amarás o estrangeiro, porque foste estrangeiro na terra do Egito.» Aqui o Egito, apesar de ter sido lugar de sofrimento e opressão, torna-se um lugar de aprendizagem e transformação. É como se Deus estivesse a dizer ao seu povo: «Foste estrangeiro quando lá estavas - e não correu bem! Por isso, sabes quão difícil pode ser a vida fora do conforto daquilo que é familiar; sabes que tens o dever de tratar bem os estrangeiros que são acolhidos no teu país, porque percebes o que pode custar, sofreste-o na pele. Não faças aos outros aquilo que não queres que façam a ti! Lembra-te do que custa ser maltratado. Não queres isso para ti? Então não o faças aos outros!»

Nos Evangelhos, um princípio ainda mais abrangente é apresentado como resumo de todas as Escrituras, quando

Jesus diz: «O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles» (Mt 7,12). Mas esta ideia da memória do mal sofrido como uma espécie de antídoto para a perpetuação desse mal é, a meu ver, uma ideia muito poderosa, sobretudo porque nos obriga a olhar para o outro como uma pessoa, como alguém em cujo lugar poderíamos estar. O passado torna-se, então, não um lugar de rancor, mas um desafio para a prática do bem. E tal como para o patriarca Jacob e os seus doze filhos (veja-se a história de José em Gn 37-50), o Egito torna-se um símbolo de recomeços!

As diferentes ressonâncias da palavra «Egito» nas Escrituras serão talvez um eco da complexidade da vida humana que aí se retrata. Talvez também a vida de quem lê estas linhas seja assim: um misto de grandezas e misérias, temperadas com o que é próprio de cada um. Seja este «Egito» uma pista para o recomeço do ano escutista que se aproxima. Recomeçemos, portanto. Com confiança n'Aquele que faz caminho connosco! ■

